



FG
Faculdade dos Guararapes
LAUREATE INTERNATIONAL UNIVERSITIES[®]

Quadrinhos & Educação

PROCEDIMENTOS DIDÁTICOS

Vol. 2

THIAGO MODENESI
AMARO X. BRAGA JR
(ORGANIZADORES)



TARCÍSIO PEREIRA
EDITOR
RECIFE, 2015

CONSELHO EDITORIAL DA FG

Pierre Lucena
José Raimundo Oliveira Virgulino
Sônia Rodrigues Callado
Marcos Mendes Primo
Shalom Porto de Assis

COORDENAÇÃO EDITORIAL

José Raimundo Oliveira Virgulino

DIAGRAMAÇÃO E CAPA

Amaro Xavier Braga Junior

ILUSTRAÇÃO DA CAPA

"BatmorCego", de Luciano Félix no álbum "Wander - Herói Porque Sim", Dez. 2014 (Modificado digitalmente). Utilizado com permissão do autor. Todos os direitos reservados.

REVISÃO

Dos autores

Ficha catalográfica elaborada pela Equipe Técnica da
Biblioteca da Faculdade dos Guararapes.

Q1 Quadrinhos & educação: procedimentos didáticos / Thiago Vasconcellos Mondenesi; Amaro Xavier Braga Júnior (Organizadores). Jaboatão dos Guararapes: SOCEC, 2015.
188 p. v. 2.

1. História em Quadrinhos na Escola. 2. Educação. I. Mondenesi, Thiago Vasconcelos. II. Braga Júnior, Amaro Xavier. III. Faculdade dos Guararapes. IV. Título.

CDU: 373:82-9

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO: COMO PROCEDER DIDATICAMENTE COM OS QUADRINHOS? | 05

THIAGO VASCONCELLOS MODENESI
AMARO XAVIER BRAGA JUNIOR

A LINGUAGEM DOS QUADRINHOS ENQUANTO RECURSO DIDÁTICO NAS AULAS DE SOCIOLOGIA | 07

AMARO XAVIER BRAGA JUNIOR

AS APLICAÇÕES DAS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS EM ATIVIDADES DO ENSINO SUPERIOR A DISTÂNCIA | 29

DANIELA DOS SANTOS DOMINGUES MARINO
LINDEMBERG PEREIRA DOS SANTOS

QUADRINHOS INFOGRÁFICOS: UM GÊNERO DE LEITURA E CRIAÇÃO NA EDUCAÇÃO BÁSICA | 39

ALBERTO RICARDO PESSOA

A PRODUÇÃO DE HISTÓRIAS EM QUADRINHOS DIGITAIS EM SALA DE AULA COMO FERRAMENTA DE ENSINO DA LÍNGUA PORTUGUESA | 49

MARCIO GARCIA
CARLA VICCINI

A ESTRUTURA POTENCIAL DO GÊNERO TIRA CÔMICA: O QUE É COMO ENSINAR DO GÊNERO EM AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA | 61

ALEX CALDAS SIMÕES

NOVELA GRÁFICA: AUTOBIOGRAFIA E DESSUBJETIVAÇÃO | 85

ROSÂNGELA TENÓRIO DE CARVALHO

PROMOÇÃO DA AUTORREGULAÇÃO DA APRENDIZAGEM –
CARTAS DO GERVÁSIO: AUTO-OFCINA DE QUADRINHOS | 101

LUIZ GUSTAVO LIMA FREIRE

A QUADRINHIZAÇÃO COMO RECURSO DE MEDIAÇÃO DA LEITURA LITERÁRIA DO SURDO | 123

VALÉRIA APARECIDA BARI

LA HISTORIETA EN LAS AULAS URUGUAYAS | 145

VICTORIA SAIBENE

A IMPORTÂNCIA DAS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS NA EDUCAÇÃO DO PERU NO SÉCULO XXI | 157

ROSA ALICIA NONONE CASELLA
THIAGO VASCONCELLOS MODENESI

A QUADRINHIZAÇÃO COMO RECURSO DE MEDIAÇÃO DA LEITURA LITERÁRIA DO SURDO

VALÉRIA APARECIDA BARI

Vice-Diretora do Centro de Ciências Sociais Aplicadas da Universidade Federal de Sergipe -- CCSA/UFS. Graduada em Biblioteconomia e Documentação (USP). Mestre em Ciências da Comunicação (USP). Doutora em Ciência da Informação (USP). Pesquisadora do *Observatório de Histórias em Quadrinhos da Universidade de São Paulo* e da *Associação dos Pesquisadores em Arte Sequencial* -- ASPAS.

A surdez se caracteriza como a privação parcial ou total do sentido da escuta. As consequências imediatas desta perda, no nascimento ou na primeira infância, são relacionadas à dificuldade de comunicação oral e escrita. Passados dez anos da oficialização da LIBRAS, o Brasil já logrou o mérito de aumentar significativamente o número de surdos ingressando em nível superior e em funções sociais intelectualizadas. Desta medida legal e suas repercussões, vem o fulcro legal de grande parte das iniciativas de alteração do quadro de ostracismo em que se encontravam os surdos no Brasil. No entanto, ainda temos uma grande deficiência no letramento pleno do surdo, isto é, na formação de hábitos e gostos leitores, oportunizado o desfrute da produção intelectual registrada na linguagem escrita, para o lazer intelectual e a educação continuada de todos os surdos.

Muito embora existam relatos, metodologias e esforços sociais voltados para a emancipação intelectual do indivíduo surdo, ainda nos deparamos com indivíduos e grupos sociais que apregoam o simples treinamento instrumental dos mesmos, desprezando o seu desenvolvimento intelectual superior e inviabilizando sua contribuição social e exercício pleno da cidadania. Segundo Cristina de Lacerda:

A educação de surdos é um assunto inquietante, principalmente pelas dificuldades que impõe e por suas limitações. As propostas educacionais direcionadas para o sujeito surdo têm como objetivo proporcionar o desenvolvimento pleno de suas capacidades; contudo, não é isso que se observa na prática. Diferentes práticas pedagógicas envolvendo os sujeitos surdos apresentam uma série de limitações, e esses sujeitos, ao final da escolarização básica, não são capazes de ler e escrever satisfatoriamente ou ter um domínio adequado dos conteúdos acadêmicos. (LACERDA, 1998, p.68).

O Brasil se configura na atualidade como um dos países que mais avançou na incluso social e na viabilização de estudos em nível médio e superior para a população surda. E devemos o mérito deste progresso à promulgação da *Lei Darcy Ribeiro*, também conhecida como Nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional -- Lei Federal Nº. 9.394/1996.

Por meio da discussão social e da notoriedade ganha entre os indivíduos com necessidades especiais, paulatinamente a legislação e suas aplicações foram se constituindo ao longo da década seguinte. Em

seu nono ano de vigência, a Lei Darcy Ribeiro viabilizou a adoção oficial da *Metodologia Bilingue* na educação dos surdos brasileiros com política pública, pela promulgação da Lei Federal Nº. 10.436/2005, que oficializou a *Linguagem Brasileira de Sinais* (LIBRAS). Para Monique Franco:

O fato é que se pode identificar um processo de crescente visibilidade de indivíduos que anteriormente estavam localizados à margem do processo social. Potencializados, esses indivíduos são objeto de políticas públicas, ganham notoriedade na mídia e passam a ocupar, paulatinamente, o espaço do exercício da diferença, criando demandas e deixando transparecer a gama de enfrentamentos ainda necessários à perspectiva da inclusão como espaço da liberdade. No caso da comunidade surda, não poderia ser diferente. Aqueles que ao longo de séculos tiveram seu processo de comunicação oprimido e sua língua, muitas vezes, proibida de ser expressa, ganham o direito de serem educados a partir dessa língua, agora reconhecida e oficializada como uma expressão linguística alternativa. (FRANCO, 2009, p.15)

Boa parte destas dificuldades no Letramento do surdo é proveniente de um contexto deficitário da leitura na sociedade brasileira. Atualmente, como é de conhecimento dos especialistas, políticos e da população, a Biblioteca Escolar praticamente não existe nos estabelecimentos e sistemas educacionais brasileiros, inclusive nas instituições privadas. As Bibliotecas Públicas também são escassas e têm sua função social distorcida, para cobrir em parte esta lacuna da Leitura Escolar. Então, se o Letramento das pessoas ouvintes no Brasil já é dificultado por estes fatores, agrava-se mais ainda a dificuldade de formação de leitores entre os surdos. A partir da promulgação da *Lei de Universalização da Biblioteca Escolar* (Lei nº 12.244, de 24 de maio de 2010), este quadro se modifica muito lentamente, no planejamento decenal que se compromete a disponibilizar os recursos mínimos necessários para todas as escolas apenas no ano de 2020.

A partir do Ensino Médio, quando a exigência da Leitura Escolar passa a abranger um repertório de Clássicos da Literatura, os surdos naturalmente encontram terríveis dificuldades. Normalmente, a prática pedagógica não consegue suprir esta necessidade informacional e prejudica o aproveitamento do surdo na apropriação da escrita e na leitura literária. Em consequência de todas estas circunstâncias, quando ingressam em Nível Superior, seu nível de Letramento deficitário dificulta a aprendizagem, a pesquisa e, como última consequência, prejudica o nivelamento do universitário surdo ao ouvinte... ocorrendo a retenção e muitas vezes a evasão.

Mediante esta problematização inicial, este capítulo pretende discutir a formação do leitor, sob o ponto de vista do letramento escolar e social, por meio da potencialização da Leitura Escolar e da Leitura Pública, oferecendo uma via alternativa de mediação da leitura literária para surdos, por meio das propriedades do texto quadrinhístico. Esta

proposta tem por base teórica a teoria das mediações, como aplicada na Biblioteconomia e Ciência da Informação, assim como a pesquisa das propriedades de formação do leitor inerentes às Histórias em Quadrinhos, como verificadas internacionalmente na atualidade, por pesquisadores da Pedagogia, Psicologia, Comunicação Social e outros campos das Ciências Sociais Aplicadas.

Quanto ao referencial teórico sobre a didática do ensino das Letras Modernas, este capítulo utilizar-se-á das pesquisas envolvendo o ensino da língua falada e escrita como segunda língua dos surdos, sendo a primeira a língua de matriz gestual, por meio das metodologias da *Comunicação Total* e *Metodologia Bilingue*. Para tal, trabalharemos com a historicização das metodologias anteriores até a atualidade, definindo o ponto de inflexão que torna a história em quadrinhos um recurso viável de formação de leitor para o surdo.

A HISTÓRIA DA LEITURA DOS SURDOS

O surdo teve seu papel na sociedade desde a Antiguidade Clássica, quando os indivíduos portadores desta limitação sensorial foram considerados empregados de confiança, para servir domesticamente em situações onde a discríção era essencial. Geralmente treinados para as tarefas desempenhadas, chegaram a ser considerados colaboradores valiosos. Contudo, não existia a preocupação em educar o surdo para sua emancipação intelectual ou para o desenvolvimento da expressão de suas ideias.

Na Baixa Idade Média, contudo, as famílias mais abastadas precisavam se preocupar com a educação de seus varões e herdeiros na Europa, sobretudo com a sua leitura e escrita. Com primeiro preceptor especializado em surdez no ocidente, o monge espanhol Pedro Ponce de Leon trabalhava a partir da linguagem de sinais doméstica de seus alunos, para chegar à linguagem de sinais praticada entre os monges Beneditinos, que faziam voto de silêncio, no séc. XVI. Por meio da comunicação silenciosa, conseguia partir dos sinais e chegar à linguagem escrita, auxiliando também nas verbalizações essenciais para os surdos (LODI, 2005, p. 411-413).

A repercussão da didática de Ponce de Leon trouxe resultados muito animadores, permitindo que a educação dos surdos em dois séculos evoluísse para um sistema coletivo e abrangente. Em 1760, foi inaugurado o *Instituto Nacional dos Surdos-Mudos de Paris*, fundado pelo abade Charles Michel de l'Épée (LODI, 2005, p. 413). Ampliando a metodologia já adotada da linguagem de sinais, codificou um sistema próprio que partia dos conceitos domésticos e essências comunicáveis para a oralização, leitura e escrita da língua francesa. Mas, sua metodologia pôde ser adaptada para muitas outras línguas e foi mundialmente predominante na educação dos surdos, até que se levantasse uma controvérsia, a do *Oralismo versus o Gestualismo*. Para Lacerda:

Os primeiros [oralistas] exigiam que os surdos se reabilitassem, que superassem sua surdez, que falassem e, de certo modo, que se comportassem como se não fossem surdos. Os proponentes menos tolerantes pretendiam reprimir tudo o que fizesse recordar que os surdos não poderiam falar como os ouvintes. Impuseram a oralização para que os surdos fossem aceitos socialmente e, nesse processo, deixava-se a imensa maioria dos surdos de fora de toda a possibilidade educativa, de toda a possibilidade de desenvolvimento pessoal e de integração na sociedade, obrigando-os a se organizar de forma quase clandestina. Os segundos, gestualistas, eram mais tolerantes diante das dificuldades do surdo com a língua falada e foram capazes de ver que os surdos desenvolviam uma linguagem que, ainda que diferente da oral, era eficaz para a comunicação e lhes abria as portas para o conhecimento da cultura, incluindo aquele dirigido para a língua oral. Com base nessas posições, já abertamente encontradas no final do século XVIII, configuraram-se duas orientações divergentes na educação de surdos, que se mantiveram em oposição até a atualidade, apesar das mudanças havidas no desdobramento de propostas educacionais. (LACERDA, 1998, p. 70)

Respectivamente, nos anos de 1778 e 1780, foram realizados na França o primeiro e o segundo *Congresso Internacional Sobre a Instrução de Surdos*. No embate entre a didática gestualista de l'Épée e as práticas oralistas do pedagogo alemão Samuel Heinicke, as demonstrações dos “surdos oradores” foram mais impressionantes. Como consequência:

Com o Congresso de Milão termina uma época de convivência tolerada na educação dos surdos entre a linguagem falada e a gestual e, em particular, desaparece a figura do professor surdo que, até então, era frequente. Era o professor surdo que, na escola, intervinha na educação, de modo a ensinar/transmitir um certo tipo de cultura e de informação através do canal visogestual e que, após o congresso, foi excluído das escolas. Assim, no mundo todo, a partir do Congresso de Milão, o oralismo foi o referencial assumido e as práticas educacionais vinculadas a ele foram amplamente desenvolvidas e divulgadas. Essa abordagem não foi, praticamente, questionada por quase um século. (LACERDA, 1998, p. 71)

Atualmente, o *Oralismo* tem sido encarado como essencialmente excludente das vivências e expressão do surdo, por reprimir totalmente sua expressão gestual. É correto que na situação de educação coletiva e massiva, o *Oralismo* dificulta a expressão e troca de ideias entre os educandos, pela complexidade do uso da língua materna aprendida sem o recurso da audição. Contudo o *Oralismo* teve a grande virtude de desvincular a surdez da imagem pública da selvageria, incapacidade, demência, ao tornar o surdo semelhante ao ouvinte nas situações do cotidiano. Por esta razão, muitas de suas técnicas ingressam na pedagogia da atualidade, mescladas com os recursos aprimorados do *Gestualismo* e do ensino de línguas estrangeiras.

Estabelecendo um novo ciclo nas práticas educacionais dos surdos, os estudos iniciados por William Stokoe nos Estados Unidos levaram a publicação da *Estrutura da Língua Gestual* e o *Dicionário de Língua Gestual Americana* em 1965, assim como o desenvolvimento de uma prática pedagógica da língua inglesa que mesclava recursos da escrita, imagética, gestualização, oralidade. A principal virtude dos estudos de Stokoe foi a de verificar que as linguagens de sinais eram “línguas verdadeiras”, autônomas e diferentes da língua materna, derivando na teoria chamada *Comunicação Total*. Para Lacerda:

O descontentamento com o oralismo e as pesquisas sobre línguas de sinais deram origem a novas propostas pedagógico-educacionais em relação à educação da pessoa surda, e a tendência que ganhou impulso nos anos 70 foi a chamada comunicação total. [...] O objetivo é fornecer à criança a possibilidade de desenvolver uma comunicação real com seus familiares, professores e coetâneos, para que possa construir seu mundo interno. A oralização não é o objetivo em si da comunicação total, mas uma das áreas trabalhadas para possibilitar a integração social do indivíduo surdo. (LACERDA, 1998, p. 74)

A metodologia da *Comunicação Total* foi divulgada e praticada à sombra das políticas públicas no Brasil, já que grande parte das escolas especializadas na educação de surdos seguiu com as práticas oralistas. A organização social dos próprios surdos e a pressão social exercida pelos mesmos levou a introdução da *Comunicação Total* nas instituições privadas, ou nas principais capitais do Brasil, até o início do séc. XXI. A discussão se organizou melhor a partir da promulgação da Lei Darcy Ribeiro, em 1996, quando se iniciou o debate da inclusão na educação como política pública com fulcro legal.

De fato, a publicação da LIBRAS no ano de 2005, assim como a posterior adoção dos tradutores nas práticas pedagógicas básicas e na educação superior, sinalizou uma nova relação entre o estudante e acadêmico surdo e seus interlocutores. Internacionalmente, a evolução deste quadro também levou as teorias educacionais e o ensino de línguas a apoiarem a educação de surdos como *Educação Bilingue*, cuja primeira língua é a gestual, sendo a segunda língua a falada e escrita, inovando totalmente a prática pedagógica anterior. Contudo, a falta de recursos humanos qualificados para compor quadros de educação nesses moldes ainda mantém os surdos brasileiros sob o paradigma anterior. Segundo Lacerda:

Em diversos países, como no nosso, as experiências com educação bilingue ainda estão restritas a alguns poucos centros, dadas as dificuldades apontadas acima, e também pela resistência de muitos em considerar a língua de sinais como uma língua verdadeira ou aceitar sua adequação ao trabalho com as pessoas surdas. Assim sendo, a maioria das práticas de educação para

surdos ainda hoje é oralista ou se enquadra dentro da comunicação total. (LACERDA, 1998, p. 76)

Após uma década de intensos progressos na inclusão do surdo na educação e de seu posicionamento na fruição e produção da cultura letrada, viabilizada pela publicação da LIBRAS, ainda nos deparamos com fronteiras intransponíveis entre a leitura e os leitores nesta situação específica. Contudo, a evolução de bens culturais, diversificação de suportes e linguagens das mídias amadureceram uma nova dimensão no ato de ler, que pode tangenciar a necessidade informacional dos surdos brasileiros da atualidade, por meio das Histórias em Quadrinhos e, mais especificamente, das Quadrinhizações.

MEDIAÇÃO DE LEITURA PARA SURDOS E AS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS

Para tratar sobre a mediação de leitura, hoje praticada no Brasil e no mundo pelos profissionais da Biblioteconomia, da Educação e da Psicologia, é preciso circunscrever o conceito aplicado à natureza dos estudos desenvolvidos. Inicialmente, o conceito de Mediação foi desenvolvido nos anos 1920, por Levy Semionovich Vygotsky, para definir a negociação de informações por meio da linguagem, e o compartilhamento de conteúdos, conhecimentos, raciocínios, saberes e afetividades entre seres humanos.

As teorias de Vygotsky influenciaram a Pedagogia e a Psicologia Infantil no séc. XX, assim como renovaram a Teoria da Comunicação a partir dos anos 1980, por meio da obra de Jesus Martin Barbero (1997). Então, temos um quadro de interdisciplinaridade no séc. XXI que favorece a utilização das Histórias em Quadrinhos na formação de leitores ecléticos e com sucesso nos estudos. Isso tudo favorecido por publicações de qualidade e possibilidades de aplicação nas práticas pedagógicas e de formação de leitores, vencendo todo o tipo de limitações e restrições, que tem ocorrido na indústria editorial brasileira a partir do séc. XXI. No caso dos surdos, a grande vantagem é a aproximação entre sua cultura leitora e a dos ouvintes, ganhando nos aspectos de fruição, prazer, divertimento, sem abdicar de sua identidade na comunidade surda.

Em especial, a mediação de leitura está embasada nesses pressupostos, buscando estabelecer relações entre as pessoas e as leituras, propiciando a degustação e o desenvolvimento de gostos e hábitos leitores. Ao estado amadurecido do leitor, chamado de Letramento, se atribui a incorporação de hábitos e gosto leitores à identidade e cotidiano individual. Para o surdo, que tem uma relação complicada com o registro da escrita, a mediação vai funcionar também como um desvelamento das propriedades da leitura e suas potencialidades para a melhoria da sua qualidade de vida.

A mediação de leitura ocorrerá onde forem reunidas três condições: ambientes sociais onde haja protagonistas mais e melhor

letrados, presença e variedade de suportes de linguagem escrita e fatores emocionais que estabeleçam uma conexão entre as pessoas, formando uma situação de leitura. Assim, os espaços e as circunstâncias da leitura também compõem as suas memórias e ressignificações, tanto individuais quanto sociais. A leitura para o surdo não pode ser um mero exercício de fixação da língua, mas tem de ser praticado com prazer nos ambientes sociais onde convive, à semelhança dos leitores ouvintes. Segundo Ângela Maria Barreto:

Aí se encontra, provavelmente, a explicação para o fato de que as recordações de leituras venham sempre acompanhadas de uma ambientação, na qual leitor, personagens, coisas, objetos e espaços interagem. [...] Os ambientes são orientações ao sujeito; assim as casas da infância e da juventude vêm privilegiadas como lembranças. Por isso, as histórias particulares de leituras registram-nas. [...] Os ambientes onde a socialização, em sentido mais amplo, acontece, como escolas, casas de amigos, clubes e bibliotecas, aparecem como lembranças depois das casas familiares. (BARRETO, 2007, p. 48)

Quando materializamos a memória social em diferentes ambientes a leitura, estamos organizando o ato de ler no mundo particular do sujeito (BARRETO, 2007, p. 49). Então, inicialmente, é muito bom contar com suportes e linguagens de leitura que se harmonizem com a vida pública e sejam convidativos, para estabelecer a mediação com simpatia e afetividade nestes espaços informais. A leitura das Histórias em Quadrinhos, que se pulveriza nas diferentes mídias, representa parte da reconstituição de vivências das mais agradáveis neste processo de apropriação, já que sempre conta com a voluntariedade do leitor, seja ele surdo ou ouvinte.

As Histórias em Quadrinhos têm a propriedade de desenvolver a emoção na leitura, que preserva a ludicidade infantil e a rebeldia adolescente, criando vínculos leitores por toda a vida. Além disso, a História em Quadrinhos (mídia + linguagem) tem propriedades que ativam e integram as duas amídalas do cérebro no ato da leitura, convidando à leitura espontânea e estimulando a afetividade, favorecendo o aparecimento de situações de compartilhamento. Ou seja, a leitura do surdo vai chamar a atenção positivamente e poderá levá-lo a mediar também suas Histórias em Quadrinhos com amigos, colegas, irmãos, surdos ou ouvintes.

A História em Quadrinhos contextualiza-se como mídia e linguagem formadora de leitores, devido a:

- consolidação da teoria construtivista e do acercamento sócio-histórico na Educação, com a superposição de ambos modelos teóricos na Alfabetização e Letramento;

- modificação do cotidiano social, que amplia o âmbito de significações do ato de ler: apropriação de informações, acesso às diferentes mídias e linguagens, capacidade crítica de seleção, apreciação, busca, formação de gostos pessoais.

Mas, como é que a História em Quadrinhos possui tais propriedades? Ela apresenta um texto híbrido de imagem e texto. Sua linguagem é concisa, esquemática, altamente informativa e, ao mesmo tempo, estabelece rapidamente um vínculo afetivo com o leitor. Além da leitura convidativa, as coleções e acervos de Histórias em Quadrinhos rapidamente criam vínculos de participação social entre seus leitores, que se transformam em comunidades de leitura regular. Para a socialização do surdo, o compartilhamento de experiências leitoras é muito importante.

Além das virtudes já elencadas, a linguagem da História em Quadrinhos é universalizante e foi desenvolvida a partir da esquematização imagética da narrativa, sendo que texto e imagem cumprem funções complementares. Ou seja, o texto não descreve a imagem e a imagem não ilustra o texto, ambos elementos trabalham em conjunto para construir um significado, com camadas de sentido que são desveladas pelo leitor. Para o leitor surdo, estes recursos de linguagem conjugados facilitam a compreensão dos conteúdos sub-reptícios do texto, auxiliando da apropriação do conteúdo da leitura, na comoção e no despertar dos conteúdos afetivos que se encontravam ocultos na formalidade do texto escrito.

O desenho nas Histórias em Quadrinhos aparece como fórmula de resolução narrativa, onde a representação do ambiente, ações e personagens devem ser resolvidos economicamente, gerando imagens eficazes para o entendimento da mensagem. Cada uma das imagens resultantes, respectivamente hibridizada dos elementos verbais, constitui a vinheta. Utiliza elementos comunicacionais específicos que identificam a linguagem: balão, requadro, recordatório, onomatopéias, metáforas visuais e linhas cinéticas.

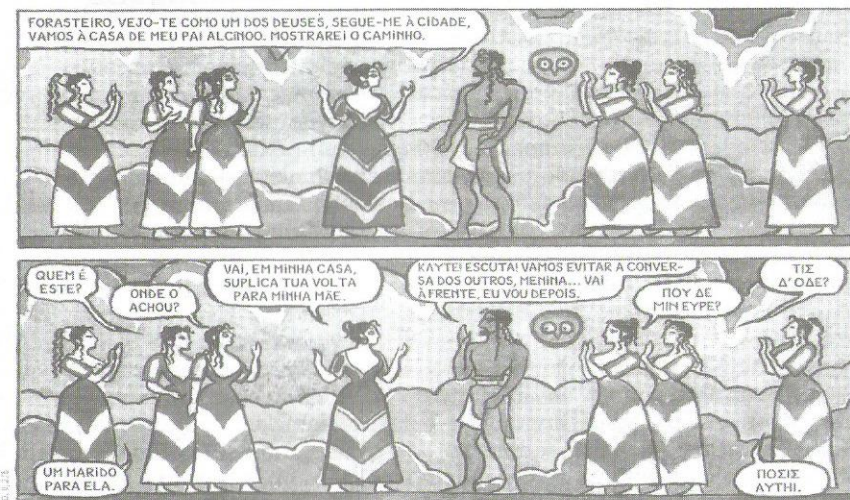


Figura 1: Duas vinhetas servem para esquematizar um diálogo entre Odisseu e Nausica, a filha do Rei Alcino, cercada de suas servas. Os comentários das servas são em Português à frente de Odisseu, e em Grego atrás dele. Para o surdo, esta é uma situação reconhecível de limitação em sua comunicação pessoal, que a vinheta recria. Fonte: © (BARBOSA; BAGNARIOL, 2013, p. 20). Todos os direitos reservados.

Como cada desenho nas Histórias em Quadrinhos é o resultado de uma seleção de características consideradas importantes para a narrativa, a linha constitui o elemento comunicativo que vai resultar no reconhecimento visual dos objetos representados. As linhas podem ser puras ou moduladas. A linha pode representar ela mesma um objeto, o contorno de um objeto; pode criar um relevo ou uma superfície, dar ideia da intensidade luminosa; pode representar ações concretas e movimentos.

- O balão indica a verbalização, através de indicações visuais;
- O rabicho aponta para o personagem que está falando;
- Quando o rabicho é substituído por bolinhas, o personagem está pensando;
- A linha pontilhada indica que o personagem está cochichando;
- O balão trêmulo indica o temor do personagem durante sua fala;
- O balão *splash* denota a raiva e alteração de voz.

O requadro é o elemento determinativo das margens de uma vinheta, seja ele composto por uma moldura, uma linha demarcatória ou uma borda. Sua principal função é a distinção entre os diferentes momentos da ação representados na História em Quadrinhos. Quando

borrado, apagado ou em formato de nuvem, o requadro indica tempo passado ou psicológico. Assim, o requadro também agrega a representatividade do tempo na narrativa, de modo objetivo ou subjetivo.

O recordatório é uma caixa de texto inserido na Vinheta, serve principalmente para recordar ao leitor os fatos narrados anteriormente na História em Quadrinhos, através de um texto sintético. Também funcionam como indicadores da simultaneidade de acontecimentos na narrativa, a passagem de tempo ou o deslocamento do espaço.

As onomatopeias na História em Quadrinhos são palavras indicativas de sons ambientais, ruídos, urros, interjeições humanas. Utilizadas de forma diferenciada nas Histórias em Quadrinhos, adquirem o status de símbolos gráficos, complementando e reiterando as ações descritas na narrativa.

As metáforas visuais são desenhos e representações que ganharam uma conotação diferente de sua significação original, ao longo desenvolvimento da linguagem das Histórias em Quadrinhos. Progressivamente, os desenhistas dos quadrinhos vão adotando estas conotações e os leitores as entendem e perpetuam. Quando uma imagem finalmente se associa a um conceito diferente de seu significado original, se transforma em uma metáfora visual. Simples traços se constituem em metáforas visuais de movimento, que também são chamados de linhas cinéticas.

A colorização de uma História em Quadrinhos não representa apenas o incremento dos seus aspectos estéticos, pois a aplicação de diferentes matizes pode refinar a representação ambiental, dos personagens e movimentos, além de remeter à leitura cultural própria de determinada simbologia. A cor também refina a representação das emoções das personagens, no decorrer da narrativa. As deformações expressivas nos desenhos são feitas para o enriquecimento das representações do pensamento e dos sentimentos na narrativa das Histórias em Quadrinhos. As regras do desenho naturalista e da verossimilhança são quebradas. Algumas características de personagens e ambiente são “carregadas”, enfatizando sua importância através de efeito cômico ou grotesco.

Pelo fato de as Histórias em Quadrinhos respeitarem preferencialmente e perspectiva renascentista, as noções de ambiente e profundidade são dadas pela distribuição simulada de objetos no espaço da vinheta. A ortogonalidade, que é a utilização dos ângulos retos, é aplicada deste modo na representação das edificações e objetos inanimados. Sob os mesmos princípios da perspectiva renascentista, a diagonalidade é aplicada na representação dos seres vivos e seus movimentos, através da utilização de ângulos agudos, obtusos e linhas puras.

Apesar desta complexidade aparente, os recursos da linguagem da História em Quadrinhos são rapidamente decodificados por leitores pouco experientes, pois se referem a registros e símbolos perfeitamente disseminados na sociedade e anteriores ao Letramento. Desta forma, a disponibilização destes recursos serve como esquematização de

conteúdos da língua e potencializa a interpretação do texto pelo leitor surdo, assim como prepara o seu cérebro para a compreensão de todo o tipo de leituras de matriz verbal.

Com efeito, apesar de não buscarem frequentemente a leitura, os estudantes **querem ler** as Histórias em Quadrinhos (VERGUEIRO, 2004, p. 21). Os surdos, hoje estudando em ambientes educacionais inclusivos, também poderão vir a desenvolver este querer, motivados pelo comportamento leitor dos próprios colegas. E quando se unem o desejo, a necessidade e a vontade, pode-se realmente trabalhar em um patamar diferenciado a proposta da leitura e a sua mediação, em diferentes ambientes sociais. Tudo isso vai compor uma motivação intrínseca ao surdo, que o ajudará a superar as dificuldades iniciais da leitura mediada e poderá garantir momentos de lazer e aprendizagem.

Outro fator potencializador da leitura dos surdos, a presença e consagração das Histórias em Quadrinhos entre as leituras escolares representa um toque de emoção e rebeldia em espaços sociais cuja formalidade excessiva pode levar a rejeição das práticas leitoras.

Comprovadamente, a leitura de histórias em quadrinhos forma leitores que gostam de toda a natureza de obras, com a vantagem de gerar uma cultura leitora infanto-juvenil, comunidades leitoras de grande abrangência e perenidade por toda a vida. [...] O seu potencial informacional também está à disposição da escolarização, e ainda não se explorou o seu limite na formação de uma postura proativa do estudante na busca do conhecimento, pois as histórias em quadrinhos propiciam a possibilidade de conjugação de fontes, capacidade de síntese e formação de discurso próprio, inerentes sinais da apropriação e ressignificação de informações e conhecimentos. (BARI, VERGUEIRO, 2011, p.4)

Como mais uma vantagem para os surdos, a recriação dos Clássicos da Literatura por meio da Quadrinhização ainda permite uma atualização de referenciais imagéticos, que tornam sua leitura muito mais interessante, embora mantendo a essência do enredo clássico que o tempo não apagou. Assim, já contando previamente com um enredo consagrado, a Quadrinhização dá oportunidade ao quadrinhista ou equipe de aprofundar sua expressão artística e a recriação da obra, na segurança de que os experimentos, ousadias e licenças poéticas representarão menor estranhamento ou impacto social negativo na comercialização do produto editorial. Segundo Paula Mastroberti:

Longe de se constituir uma traição às origens, reescrituras, filmagens, jogos, quadrinhos, ilustrações - entre outros produtos da cultura plurimidiática - são versões em que a predominância do caráter recreativo devem torná-las reconhecidas por aquilo que são: pós-produções inter ou intrasemióticas que atualizam um original, reinventando-o para a contemporaneidade; ao fazê-lo, instigam e seduzem o leitor por si mesmas, sem deixar de excitar a curiosidade sobre a obra que lhes é anterior. Pela liberdade com que lidam com os dados significativos e estéticos já existentes, satisfazem à leitura e emancipam a subjetividade leitora para o

Sob o princípio da leitura por prazer e fruição intelectual para os surdos, a mediação de Histórias em Quadrinhos pode também representar o desenvolvimento de habilidades e competências leitoras comuns a outros tipos de textos. Esta propriedade é muito importante, principalmente para o êxito na Educação Superior e na futura empregabilidade do surdo, que utilizará os diferentes suportes escritos em sua atualização e autoaprendizagem profissional, como o fazem os ouvintes.

A QUADRINHIZAÇÃO LITERÁRIA COMO RECURSO DE FORMAÇÃO DO LEITOR SURDO

A questão da formação de leitura do surdo se estende para além da apropriação da língua falada e escrita. Isto se dá pelo fato de que a sua primeira língua, a gestual, se organiza por meio de um conjunto de gestos que simbolizam conceitos, sem a utilização de uma estrutura ortográfica. Então, a LIBRAS e outras línguas de sinais que são oficialmente adotadas em diferentes países são organizadas segundo uma lógica muito diferente das línguas faladas. Segundo José Ildon Gonçalves da Cruz e Târcia Regina da Silveira Dias:

O surdo pertence a uma comunidade de minoria linguística e, também, cultural, “baseando-se no fato de que a língua de sinais é utilizada por um grupo restrito de usuários” (SKLIAR, 1998, p. 22) que carrega em si uma cultura própria e específica, compreendida como uma diferença na multiplicidade humana. O surdo, de acordo com Sá (1998), traz a identificação do grupo, da comunidade a qual pertence e argumenta com base em sua legitimidade enquanto membro de sua comunidade pela qual fala sem constrangimento. (*apud* CRUZ ; DIAS, 2009, p. 66)

Sabendo de tudo isso, adentramos um problema central na questão da apropriação da língua falada e escrita pelos surdos: a pouca identificação com a expressão, as ideias e os conceitos presentes na linguagem falada e escrita. Esta falta de sentido se caracteriza, principalmente, pela dificuldade em compreender os sentimentos e as narrativas registradas no labirinto simbólico da língua falada. Então, lamentavelmente, a leitura dos Clássicos da Literatura sempre foi inacessível a maior parte dos surdos, mesmo os letrados, pela falta de transparência da matriz linguística, ou seja, porque o texto escrito não comove o surdo. Mas, este problema pode ser plenamente superado por um tipo de tradução que tem sido editorialmente praticado com grande êxito no Brasil: a Quadrinhização.

A adaptação literária quadrinhística, ou Quadrinhização, consiste na versão, releitura ou recriação literária, utilizando parcialmente a tradução da obra inspiradora, com apropriação de conteúdos, enredos,

discursos, informações, para a conversão ao código visual-verbal que a caracteriza, o das Histórias em Quadrinhos. O novo formato de apresentação do texto-fonte se define como uma narrativa sequencial de matriz visual-verbal, na qual não se pode separar o texto escrito e imagem na produção de sentido. Sua produção se vincula aos hábitos leitores e sua intencionalidade se refere à criação de uma narrativa sequencial com linguagem de matriz visual-verbal que promova a mediação do conteúdo de uma obra literária anteriormente publicada.

Muito embora as Quadrinhizações não estejam visando especificamente o leitor surdo, são plenamente utilizáveis na familiarização do mesmo com os Clássicos da Literatura. Finalmente, a tradução do texto na matriz visual-verbal ajuda a contextualizar, verificar a passagem do tempo, organizar a narrativa e familiarizar o leitor novato com as estruturas da linguagem escrita. Além disso, as Histórias em Quadrinhos se apresentam como leitura bem familiar em todos os ambientes de convivência dos surdos, uma vez que fazem parte do universo infantil e jovem da leitura de lazer de muitos brasileiros.

Como motivação extrínseca, podemos falar das qualidades que hoje elevam a adaptação literária à condição de gênero constitutivo da Literatura Infanto-Juvenil (CARVALHO, 2011, p. 159). Isto significa, na prática, que a leitura das Quadrinhizações não é mais vista como uma subcategoria de leitura por grande parte dos acadêmicos. Então, a experiência leitora do surdo não será inferiorizada, será apenas diversificada em relação ao leitor que buscar os textos originais, traduzidos ou adaptados sem o uso da matriz visual-verbal.

Atentando aos aspectos da produção, disponibilização e consumo de bens culturais literários, a editoração das Quadrinhizações é massiva e seu valor de compra é igual ou inferior às publicações de livros convencionais. Além disso, o *Programa Nacional da Biblioteca na Escola* (PNBE), entre outras políticas públicas, já distribui regularmente exemplares de Quadrinhizações para formação de acervos na rede escolar pública. Isto significa que estas obras são acessíveis às famílias e educadores de surdos, independente do poder aquisitivo. Além disso, sua leitura é familiar aos brasileiros, facilitando a circulação em ambientes formais e informais, atendendo a demanda de recursos para dinamizar a leitura escolar, além da boa aceitação entre os pais e familiares deste tipo de publicação em diferentes espaços e situações da vida privada.

Com a intenção de exemplificar os principais ganhos intelectuais, habilidades e competências leitoras que podem ser mediadas para os leitores surdos por meio das Quadrinhizações, passaremos a exemplificar os mesmos com a utilização da Coleção *Clássicos em HQ*, da Editora Peirópolis, estudada como caso de publicação agregador das características buscadas na observação de campo deste estudo.

Na área abrangente da cultura, o estudo verificou a aplicação do conceito de *apropriação*, conforme descrito por Roger Chartier (1991, p. 80) como fenômeno que *visa uma história social dos usos e das interpretações, referidas as suas determinações fundamentais e inscritas*

nas práticas específicas que produzem. Desta forma, foram problematizados os usos, as interpretações e os sentidos verificados pela autora deste estudo na publicação das Quadrinhizações produzidas para a Coleção *Clássicos em HQ*.

O critério de seleção da coleção analisada em detrimento de outros produtos editoriais se refere à frequente concretização de parcerias e obtenção de apoio de políticas públicas federais à sua publicação, o que denota o aval de especialistas do Ministério da Educação e do Ministério da Cultura brasileiros aos produtos editoriais analisados.

QUADRINHIZAÇÃO E MEDIAÇÃO DA LEITURA LITERÁRIA

A Quadrinhização implica na adaptação literária, que é um tipo de versão literária consagrado, aonde ocorre a releitura e recriação, com supressão de conteúdos e ressignificação, para uma matriz de linguagem visual-verbal, gerando um trabalho inédito em relação ao texto-fonte. Como explica Carvalho:

Dessa forma, a adaptação deve ser trabalhada a partir da adequação do assunto, da estrutura da história, da forma, do estilo e do meio aos interesses e às condições do leitor infantil, o que não representa a escolha por um gênero inferior. Ao aproximar o texto do universo do seu receptor, postula-se a possibilidade de se estabelecer o diálogo entre os mesmos e, por conseguinte, tornar possível à criança o acesso ao mundo real, organizando suas experiências existenciais e ampliando seu domínio linguístico, bem como enriquecendo seu imaginário. (CARVALHO, 2006, p. 49)

Paula Mastroberti verifica que o conceito de adaptação literária se estabelece dentro de uma funcionalidade social de mediação dos conteúdos da obra literária ao leitor novato. O leitor surdo, como proveniente da linguagem gestual e ingressante na linguagem escrita e oral, possui as características de um leitor novato e, portanto, é beneficiário das propriedades da adaptação literária, pois:

O conceito de adaptação proposto por Carvalho apresenta-se, portanto, dentro de uma funcionalidade prática sociocultural; o autor-adaptador estaria, através dos recursos de sua escrita própria, calibrando uma cultura escritural consagrada, porém inacessível à compreensão de uma tipologia de leitor ainda não plenamente operante dos signos da linguagem. (MASTROBERTI, 2011, p. 105)

No Brasil, a quadrinhização tem sido utilizada como recurso de adaptação literária com muito êxito. Segundo Márcia Mendonça:

A grande difusão da quadrinhização como recurso de textualização que, de certa forma, democratiza o acesso a certas informações,

também é um fenômeno recente, que tomou impulso a partir da segunda metade do século XX. [...] As imagens, geralmente caricaturais, e a narrativa de ficção, característicos da maioria das HQs, seriam diferenciais que deixariam o “texto” mais leve e mais inteligível. A voz do senso comum já nos diz que vivemos a geração da imagem e, portanto, como já destacamos a presença de outras semioses, que não exclusivamente a verbal, é uma opção cada vez mais comum, seja no domínio da ciência, da publicidade ou do jornalismo. (MENDONÇA, 2010, p. 27)

Para os surdos, a propriedade mais importante na quadrinhização é a demarcação da passagem do tempo literário e a passagem de cenas para construir a narrativa em tempo real, passado e presente e sua distinção do sonho, do onírico e das hipóteses. Por meio desta função narrativa, as vinhetas se constituem como recurso de passagem do tempo natural e psicológico, que muitas vezes não é percebido pelo leitor surdo na interpretação de um texto escrito, seja ele literário ou didático. Recursos como o requadro e o recordatório tornam esta distinção visível. Por meio da quadrinhização competente, também é possível criar a sensação do passar do tempo na leitura, desenvolvendo no cérebro do leitor surdo propriedades que o auxiliarão em todo o tipo de leituras posteriores.

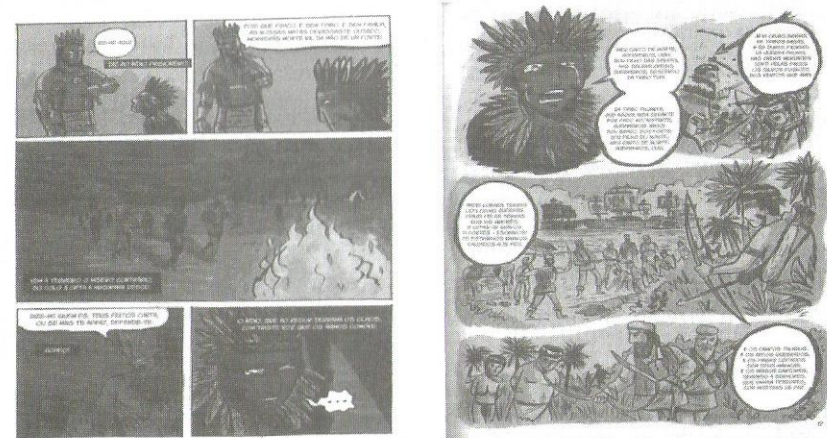


Figura 2: Distinção entre tempo real e psicológico, na quadrinhização da obra poética de Gonçalves Dias, *I-Juca Pirama*. Fonte: © (SILVINO, 2012, p. 16), (SILVINO, 2012, p. 17). Todos os direitos reservados.

Desta forma, o ritmo da narrativa passa a ser impresso pelas vinhetas, que mostram o curso dos acontecimentos de uma forma mais natural, ajudando o leitor surdo a compreender o desenrolar da ação, criando mais uma camada de informação que aprofunda a semantização do texto original. Esta propriedade é visível e torna muito mais emocionante a leitura de *I-Juca Pirama*, epopeia poética de Gonçalves Dias, quando quadrinhizada por Silvino (2012).

Outro recurso de linguagem importante para a leitura do surdo é a adaptação por meio da contextualização da obra em seu local e época de concepção. É importante principalmente nas obras onde a erudição ou o contexto historicamente descolado, que trabalha a partir de muitas figuras fantasiosas e metafóricas, torna-se pouco inteligível para o leitor surdo que se aventura a ler diretamente o texto escrito.

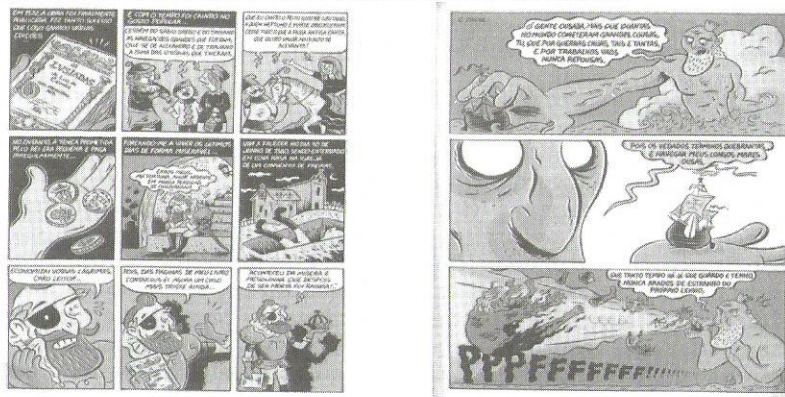


Figura 3: Páginas de *Os Lusíadas* em Quadrinhos, ilustrando respectivamente o autor da obra literária, Luís de Camões, e a sua narrativa sobre *O Gigante Adamastor*. Fonte: © (NESTI, 2006, p. 8), (NESTI, 2006, p. 23). Todos os direitos reservados.

Ao humanizar Luís Vaz de Camões, e inseri-lo como apresentador e descritor do processo que oportunizou a criação de *Os Lusíadas*, por exemplo, Fido Nesti cria um necessário vínculo identitário e estabelece um pacto entre autor e leitor surdo, que irão juntos viver a aventura imaginada naquele passado, agora menos distante. A leitura da quadrinhização de *Os Lusíadas* (NESTI, 2006), além de trazer a experiência da leitura literária de um dos maiores clássicos da literatura mundial, também oportuniza ao leitor surdo a convivência com o seu autor, Camões, personificado pelo recurso da adaptação literária nesta narrativa.

Outra importante propriedade se refere aos conteúdos sub-reptícios que se inscrevem na obra literária inspiradora, mas são de difícil percepção ao leitor surdo. Elementos linguísticos presentes na escrita, como a insinuação, a metáfora e a ironia não pertencem à linguagem gestual e são de difícil compreensão pelos surdos no texto.

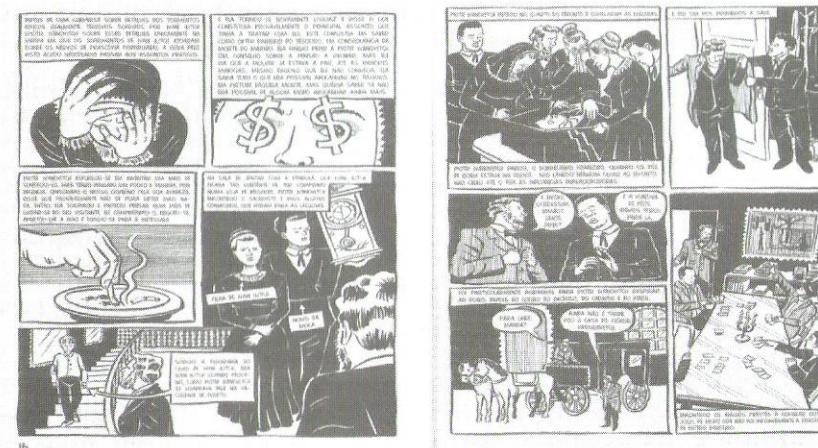


Figura 3: Páginas contíguas descrevem o enterro de Ivan Ilitch, transparecendo a conveniência e a indiferença. Fonte: © (CAETO, 2014, p. 16), (CAETO, 2014, p. 17). Todos os direitos reservados.

Muito embora a universalidade da obra literária não tenha como imprescindível a transparência desses elementos, a sua clarificação traz um elemento de erudição à leitura e facilita ao leitor a identificação destes elementos em outras obras, concebidas em diversidade de período histórico, nacionalidade, naturalidade, época. Ao analisar a quadrinhização da obra de Liev Tolstói *A Morte de Ivan Ilitch* (CAETO, 2014), é possível acompanhar a convalescência e morte de um abastado cidadão, cercado de interesses e desprezo, clarificados pelos recursos de linguagem de matriz visual-verbal.

Também é importante para o Letramento do surdo a propriedade da formação de gostos pessoais de leitura. As Histórias em Quadrinhos, mediante os seus recursos de linguagem, conseguem apoiar a formação de gosto, por meio da apropriação e ressignificação do conteúdo legível. Ao compreender a narrativa, o surdo pode ler e descobrir se gosta daquele autor e de sua forma de construir a narrativa, inclusive podendo comparar diferentes quadrinhizações dos mesmos textos-fonte, pois os mais famosos estão assim disponibilizados no mercado editorial.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio das constatações e considerações expostas, verificamos que a Quadrinhização representa um importante recurso de mediação de leitura para o surdo, com o potencial de superar dialogicamente a barreira linguística que separa a comunidade surda do capital intelectual registrado nos Clássicos da Literatura.

A mediação da leitura das quadrinhizações, além de desenvolver as habilidades e competências leitoras, também apoia a formação de leitores críticos entre os surdos, colocando-os inclusive em

posição de debater com leitores ouvintes, por meio da apropriação propiciada pelos seus recursos de linguagem, pois:

O que muitos pesquisadores da leitura, em âmbito mundial, discutem sob diferentes epistemes, é que o letramento escolar e o letramento social, embora situados em diferentes espaços e vivências pessoais, são partes dos mesmos processos sociais mais amplos. Por isso, as leituras de histórias em quadrinhos habilitam a mente para contextos de leitura escolar e social, ainda acrescentando um exercício de interpretação iconográfica imprescindível na atualidade, sob o advento das novas tecnologias e a convergência das linguagens para os suportes digitais, com a hibridização de letras, ícones, desenhos, imagens, sons, num ambiente cognitivo complexo. (BARI, 2008, p. 111)

Ao mediar a Leitura Literária por meio do recurso da Quadrinhização, abrimos oportunidades para o aumento do repertório linguístico e da erudição dos surdos. Contudo, também estamos oportunizando a própria expressão da produção intelectual dos surdos, uma vez que a leitura e a apropriação do texto abre o diálogo entre os seus autores e este leitor específico, numa via de mão dupla. Assim, a contribuição da comunidade surda à produção intelectual e técnico-científica poderá ser cada vez mais significativa, adicionando diversidade aos pontos de vista da produção e difusão social de conhecimento.

REFERÊNCIAS

- BARBOSA, Tereza Virginia Ribeiro ; BAGNARIOL, Piero. *Odisséia de Homero em quadrinhos*. São Paulo: Peirópolis, 2013
- BARBERO, Jesus Martin. *Dos meios às mediações*. Rio de Janeiro, UFRJ, 1997.
- BARI, Valéria Aparecida ; VERGUEIRO, Waldomiro. Emoção E Rebelião: Formação de Gibitecas na Biblioteca Escolar. XXIV Congresso Brasileiro de Biblioteconomia, Documentação e Ciência da Informação: Sistemas de Informação, Multiculturalidade e Inclusão Social. CBBB 2011. Anais eletrônicos ... Maceió: UFAL, 2011. Disponível em: <<http://febab.org.br/congressos/index.php/cbbd/xxiv/paper/view/552/689>> Acesso em 10/07/2014.
- BARI, Valéria Aparecida. *Por uma epistemologia do campo da Educomunicação: a inter-relação Comunicação e Educação pesquisada nos textos geradores do "I Congresso Internacional sobre Comunicação e Educação"*. (Dissertação de Mestrado em Ciência da Comunicação). São Paulo: Escola de Comunicações e Artes / Universidade de São Paulo – ECA/USP, 2002.
- BARI, Valéria Aparecida. *O potencial das histórias em quadrinhos na formação de leitores: busca de um contraponto entre os panoramas culturais brasileiro e europeu*. (Tese de Doutorado em Ciência da Informação). São Paulo: Escola de Comunicações e Artes / Universidade de São Paulo – ECA/USP, 2008.
- BARRETO, Ângela Maria. *Os espaços da leitura*. Revista Comunicação e Educação. São Paulo: Paulinas, n. XII, v.1, p. 41-53, jan-abr 2007.
- BORGES, Renata Farhat. *Clássicos em HQ*. São Paulo: Peirópolis, 2013.
- BRASIL, Congresso Nacional. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996). Rio de Janeiro: Qualitymark Editora, 1997.
- BRASIL, Congresso Nacional. Lei de Universalização da Biblioteca Escolar (Lei nº 12.244, de 24 de maio de 2010). In: CORTE, Adelaide Ramos e ; BANDEIRA, Suelena Pinto. Biblioteca Escolar.

Brasília: Briquet de Lemos, 2011, p. 153.

- CAETO. *A morte de Ivan Ilitch em quadrinhos*. São Paulo: Peirópolis, 2014. (Clássicos em HQ)
- CARVALHO, Diógenes Buenos Aires de. *A adaptação literária para crianças e jovens: Robinson Crusoe no Brasil*. (Tese de Doutorado em Letras) Porto Alegre: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, setembro de 2006.
- CARVALHO, Diógenes Buenos Aires de. Quando se adapta uma obra literária para crianças e jovens, que gênero textual é adaptado? In: *Conjectura. Caxias do Sul*, v. 16, n. 2, maio/ago. 2011. p. 156-168.
- CHARTIER, Roger. O mundo como representação. *Revista Estudos Avançados da USP*. São Paulo: Instituto de Estudos Avançados IEA/USP, v.5, no. 11, jan/abr, 1991. p. 80.
- CRUZ, José Ildon Gonçalves da; DIAS, Tarcia Regina da Silveira. Trajetória escolar do surdo no ensino superior: condições e possibilidades. *Revista Brasileira de Educação Especial*. Marília, v.15, n.1, p.65-80, jan.-abr. 2009
- FRANCO, Monique. Educação superior bilíngue para surdos: o sentido da política inclusiva como espaço da liberdade: primeiras aproximações. *Revista Brasileira de Educação Especial*. Marília, v.15, n.1, p.15-30, jan.-abr. 2009.
- LACERDA, Cristina B. F. de. Um pouco da história das diferentes abordagens na educação dos surdos. *Cad. CEDES [online]*. 1998, vol.19, n.46, pp. 68-80. ISSN 0101-3262. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0101-32621998000300007>> Acesso em 19 de março de 2015.
- LODI, Ana Claudia Balieiro. Plurilingüismo e surdez: uma leitura bakhtiniana da história da educação dos surdos. *Educação e Pesquisa*. São Paulo, v. 31, n. 3, p. 409-424, set./dez. 2005.
- MASTROBERTI, Paula. Adaptação, versão ou criação? Mediações de leitura literária para jovens e crianças. *Revista Semioses*. Rio de Janeiro: Centro Universitário Augusto Mota (UNISUAM), vol. 01. Número 08, fev. de 2011. p.104-112.
- MENDONÇA, Márcia. *Ciência em Quadrinhos: imagem e texto em cartilhas educativas*. Recife: Bargaço, 2010. (Coleção Teses)
- NESTI, Fido. *Os Lustadas em quadrinhos*. São Paulo: Peirópolis, 2006. (Clássicos em HQ)
- SAMUEL HEINICKE. In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2013. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Samuel_Heinicke&oldid=34585839>. Acesso em: 19 mar. 2015.
- SILVINO. *I-Juca Pirama em quadrinhos*. São Paulo: Peirópolis, 2012. (Clássicos em HQ)
- VERGUEIRO, Waldomiro. Uso das HQs no ensino. In: RAMA, Ângela (org.) ; VERGUEIRO, Waldomiro (org.). *Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula*. São Paulo: Contexto, 2004. p. 7-29.
- WILLIAM STOKOE. In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2014. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=William_Stokoe&oldid=40336740>. Acesso em: 19 mar. 2015.